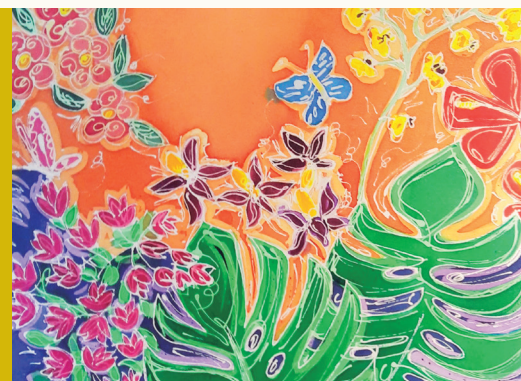


RALED

VOL. 18 (1) 2018



ARTÍCULO

Efeitos de sentidos no capítulo da telenovela brasileira “Velho Chico”

Effects of meanings in the chapter of the Brazilian telenovela “Velho Chico”

JACILDA SIQUEIRA DE PINHO

Secretaria de Estado de Educação-Mato Grosso
Brasil

MÁRCIA VACARIO

Secretaria de Estado de Educação-Mato Grosso
Brasil

Recibido: 26 de marzo de 2018 | Aceptado: 30 de mayo de 2018

RESUMEN

Este trabajo se sustenta en la teoría del Análisis de Discurso de la matriz francesa. Para la producción de la imagen del negro dialogamos con el contexto histórico-cultural, mediático e ideológico que remiten las imágenes que la sociedad produce en relación a cuestiones étnicas raciales en el discurso. El objetivo es interpretar la actuación de los personajes negros en la telenovela. La investigación es de naturaleza interpretativa y cualitativa. El corpus está constituido por el capítulo noventa y cuatro de la telenovela “Velho Chico” (“Viejo Río”), exhibida en 2016. Utilizamos como base teórica los trabajos de Courtine (1994), Munanga (2005), Orlandi (2001), Rojo (2005) y Días (2011). Concluimos que esos discursos traen a la luz una memoria discursiva, dirigida a las personas negras. La telenovela contribuyó a discusión sobre la identidad, los dichos produjeron diferentes efectos de sentidos en el público que siguió la telenovela.

PALABRAS CLAVE: *Género discursivo. Identidad. Interdiscurso. Efeitos de sentido.*

RESUMO

Este trabalho ampara-se na teoria da Análise de Discurso de matriz francesa. Visa (des) construir a imagem da personagem negra em cena da telenovela brasileira “Velho Chico”. Para a produção da imagem do negro dialogamos com o contexto histórico-cultural, midiático e ideológico que remetem as imagens que a sociedade produz em relação a questões étnico raciais no discurso. Objetivamos interpretar a atuação das personagens negras na telenovela. Pesquisa de natureza interpretativa e qualitativa, o corpus constitui-se do capítulo noventa e quatro da telenovela “Velho Chico”, exibida em 2016. Utilizamos como base teórica os trabalhos de Courtine (1994), Munanga (2005), Orlandi (2001), Rojo (2005) e Dias (2011). Concluimos que esses discursos trazem à tona uma memória discursiva, endereçadas às pessoas negras. A telenovela contribuiu para discussão sobre a identidade, os dizeres produziram diferentes efeitos de sentidos ao público que assiste à telenovela.

PALAVRAS CHAVE: *Gênero discursivo. Identidade. Interdiscurso. Efeitos de sentido.*

ABSTRACT

This work is based on the theory of Discourse Analysis of French matrix. Visa (des) build the image of the black carácter on the scene of the Brazilian television set “Velho Chico”. For the production of the image of black people, we dialogue with the historical-cultural, mediatic and ideological contexts that refer to the images that society produces in relation to ethnic racial issues in discourse. We intend to interpret the performance of the black characters in the telenovela. The work of Courtine (1994), Munanga (2005), Orlandi (2001), has been used as a theoretical basis for research of na interpretative and qualitative nature, the corpus is constituted in chapter ninety-four

of the telenovela “Velho Chico” (“Old River”). Red (2005) and Dias (2011). We conclude that these discourses bring to the surface a discursive memory, addressed to black people. The telenovela contributed to the discussion about the identity, the sayings produced different effects of senses to the public that watches the telenovela.

KEYWORDS: *Discursive genre. Identity. Interdiscourse. Effects of sense.*

Introdução

O trabalho que ora apresentamos está amparado na teoria da Análise de Discurso de matriz francesa. É um estudo que tem como objetivo (des)construir a imagem da personagem negra na cena do capítulo 94, da telenovela brasileira “Velho Chico”. Definimos o conceito de gênero discursivo, identidade e interdiscurso. Para a produção da imagem do negro foi necessário dialogar com o contexto histórico-cultural, midiático e ideológico e, assim, identificamos as marcas discursivas, que remetem às imagens que a sociedade produz em relação a questões étnico raciais no discurso. A pesquisa é de natureza interpretativa de acordo com os dispositivos de interpretação da Análise de Discurso Francesa (ADF).

Este trabalho abordará as temáticas identidade e gênero discursivo; depois, gênero discursivo e identidade de vida, memória e interdiscursividade; e, finalmente, como se configura o estereótipo e o digital.

Sentidos que passam pela formação da identidade, sobre a discussão sobre ser ou não ser negra, de se ter ou não identidade negra. Sobre isso, Munanga (2010) afirma que “[...] houve tempo suficiente para que a pressuposta superioridade da “raça” branca e pressuposta inferioridade da “raça” negra fosse aproveitada para justificar e legitimar a manutenção da escravidão contra os argumentos abolicionistas”.

A telenovela “Velho Chico”, reafirma que os gêneros discursivos são “radicalmente entidades de vida”, Rojo (2015), uma vez que não são abstrações teóricas, mas enunciados concretos que integram práticas sociais situadas. O trabalho aborda o conceito de formações discursivas que, segundo Orlandi (2001) declara, “representam no discurso as formações ideológicas”. Desse modo, os sentidos são sempre determinados ideologicamente.

Abordamos também o conceito de memória que Courtine (1994) estabelece de modo histórico, o conceito de memória, um marco nos estudos sobre o tema. A memória não se desliga da história. A história é passível de exercer implicações sobre as práticas languageiras, tendo em vista, que os lugares da memória discursivamente e naturalmente levam aos aspectos político, ideológico e cultural.

Nessa relação discursiva, o sujeito é perpassado pelo e-Urbano, as telenovelas não são somente “assistidas” na/pela televisão, podemos vê-las nas redes sociais ou em plataformas de vídeos que permitem assistir ao conteúdo oficial da emissora *online* no computador. Dias (2011) afirma que “a materialidade é uma formulação que se inscreve numa discursividade”. Nesse fio discursivo, a materialidade, neste caso, a telenovela, só tem sentido no espaço urbano se há significação por parte do público interlocutor.

1. Uma questão de identidade e gênero discursivo

É notável como muitos brasileiros descendentes de povos africanos desconhecem a história dos povos africanos que foram obrigados a vir para terras brasileiras. O que se sabe é que eles “vieram” para cá, não paramos para refletir como foi o processo de vinda; o que é passado dá a ideia de que se tratou de um processo normal, que vieram para essas terras, por vontade própria:

a identidade negra não surge da tomada de consciência de uma diferença de pigmentação ou de uma diferença biológica entre populações negras e brancas e/ou negras e amarelas. Ela

resulta de um longo processo histórico que começa com o descobrimento no século XV do continente africano e de seus habitantes pelos navegadores portugueses, descobrimento esse que abriu o caminho às relações mercantilistas com a África, ao tráfico negreiro, à escravidão e enfim à colonização do continente africano e de seus povos (Munanga 2012:01).

A discussão sobre ser ou não ser negra, de se ter ou não identidade negra, não se restringe pura e somente à cor da pele. O desconhecimento resulta na tomada da consciência de ser ou não negra.

Foram séculos de exploração branca – dos portugueses sobre os africanos. Como comprova Munanga (2010:188), “houve tempo suficiente para que a pressuposta superioridade da ‘raça’ branca e pressuposta inferioridade da ‘raça’ negra fosse aproveitada para justificar e legitimar a manutenção da escravidão contra os argumentos abolicionistas”.

Nesse sentido, observamos que, nos últimos anos, as mulheres têm conquistado posições e profissões – que antes eram destinadas ao público masculino. Algumas mudanças são significativas: a ‘mulher do lar’ pode ser então a mulher motorista. Esta configuração faz surgir novas identidades, que Hall (2003) evidencia:

A identidade negra é atravessada por outras identidades, inclusive de gênero e orientação sexual. A política identitária essencialista aponta para algo pelo qual vale lutar, mas não resulta simplesmente em libertação da dominação. Nesse contexto complexo, as políticas culturais e a luta que incorporam se trava em muitas frentes e em todos os níveis da cultura, inclusive a vida cotidiana, a cultura popular e a cultura de massa (Stuart Hall 2003:08).

Portanto, a identidade negra não se mantém só pela identidade negra, ela é perpassada pela combinação de outras identidades, inclusive a de gênero e orientação sexual; sendo assim, a luta por uma identidade, é uma luta constante, e acontece de forma individual ou coletiva.

Para descrevermos a configuração do gênero discursivo telenovela, trouxemos para a análise parte do capítulo 94 da novela brasileira “Velho Chico”, do dia 30 de junho de 2016. O capítulo proporcionou a reflexão sobre a atuação das personagens negras na novela: personagens que ora se apresentam no espaço de serviços (como é o caso das empregadas que assistem o desenrolar do conflito entre as personagens Sophie e Afrânio), ora abordam a perpetuação do imaginário de que a personagem Sophie não deva continuar com seu namoro com o neto do coronel (Afrânio) – por conta de ser “uma negrinha”. Assim,

examinar a representação dos atores e das atrizes negras em quase 50 anos de história da telenovela brasileira, principal indústria audiovisual e dramaturgica do país, é trazer à tona a decadência do mito da democracia racial, sujando assim uma bela, mas falsa imagem que o Brasil sempre buscou difundir de si mesmo, fazendo crer que a partir de nossa condição de nação mestiça superamos o “problema racial” e somos um modelo de integração para o mundo. Nenhum dos grandes atores negros parece ter escapado do papel de escravo ou serviçal na história da telenovela brasileira, mesmo aqueles que quando chegaram à televisão já tinham um nome solidamente construído no teatro ou no cinema, como Ruth de Souza, Grande Otelo, Milton Gonçalves e Lázaro Ramos (Araújo 2008: 979).

Há um apagamento da identidade negra, reiterando o papel de marginalizada, numa posição de subalternos, empregados e submissos de preferência que não façam protestos. Pela telenovela, existe a perpetuação de discursos daqueles que estão em situação de privilégio, não compactuando para que a personagem negra ocupe um lugar de destaque. Em outras palavras, discursos que se tornam naturais.

2. Contextualizando a implementação da lei 10.639/2003

De modo geral, observamos que nossa sociedade é perpassada por preconceitos. Todos os dias a mídia e outros meios de comunicação desempenham várias ações de preconceitos e intolerância – tais como, quando em jogos de futebol, o jogador é chamado de macaco ou quando o ator desempenha o papel de malandro ou de escravo nas telenovelas brasileiras. Práticas que envolvem o preconceito, algumas vezes, são presenciadas por alunos; às vezes, sentidas e feitas pelos próprios alunos; outras vezes, feitas por docentes e/ou por gestores em relação a alunos – ou ainda pelos colegas entre si. A história conta que do século XVI ao XIX, o estado brasileiro traficou muitos escravos, o que serviu de base para a sustentação econômica da elite desses séculos.

Durante a década do ano 2000 no Brasil, criaram-se alguns documentos legais para a inserção da cultura africana nas políticas públicas voltadas para o meio educacional, entre elas destacamos a Lei nº 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileiras e africanas nas escolas públicas e privadas dos ensinos fundamental e médio; o Parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE/CP 03/2004), que aprovou as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas; também a Resolução CNE/CP 01/2004, que traz os direitos e as obrigações dos entes federados ante a implementação das leis – as quais compõem um conjunto de dispositivos legais considerados como indutores de uma política educacional voltada para a afirmação da diversidade cultural e da concretização de uma educação das relações étnico-raciais nas escolas, desencadeada a partir dos anos 2000; e, por último, em 2009, o Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

3. Gêneros discursivos: entidades de vida

O conceito de gênero discursivo envolve as formas da língua e as formas típicas de enunciados, são práticas sociais que vivenciamos cotidianamente. Rojo (2015: 27) conceitua gêneros discursivos atestando que estes são “radicalmente entidades de vida”, uma vez que não são abstrações teóricas, mas enunciados concretos que integram práticas sociais situadas.

Para Bakhtin (2006:126), “a enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto”. Portanto, a enunciação é algo construído socialmente mediante interações numa perspectiva dialógica.

Podemos afirmar, então, que a telenovela é um gênero discursivo da vida rotineira e cotidiana, que representa e apresenta fatos socialmente ligados à realidade da sociedade. Por meio da novela, o telespectador tem a ‘ilusão’ da representatividade de determinada realidade.

Rojo (2005) busca explicitar a noção de gênero discursivo tendem

a selecionar os aspectos da materialidade linguística determinados pelos parâmetros da situação de enunciação – sem a pretensão de esgotar a descrição dos aspectos linguísticos ou textuais, mas apenas ressaltando as ‘marcas linguísticas que decorriam de/ produziam significações e temas relevantes no discurso. (Rojo 2005: 186).

A partir disso, podemos entender que os gêneros discursivos são enunciados construídos tipicamente na história, por meio do rotineiro, do cotidiano, das interações: a partir deles, os enunciados tomam forma e se materializam. Eles funcionam nas esferas sociais, incorporam os objetivos, as ideologias e as relações dialógicas constitutivas dessas esferas.

As telenovelas brasileiras,¹ por meio de narrativas, contam e encantam públicos diferenciados e distintos. Em outros países é sabido que a telenovela brasileira tem grande aceitação:

Se a televisão é, por excelência, a mídia do visível, ela só pode proporcionar dois tipos de olhar: um olhar de transparência, mas de ilusão de *transparência*, quando pretende desvelar, descobrir o oculto, mostrar o outro lado do espelho; o outro, de *opacidade*, quando impõe sua própria semiologização do mundo, sua própria intriga, sua dramatização (Charaudeau 2015:112).

A televisão, portanto, traz à superfície um conflito, uma polêmica, como é exposto em “Velho Chico”. No capítulo 94, Sophie (interpretada por Yara Charry) é apresentada à família do namorado, Miguel (personagem interpretado por Gabriel Leone), o que gera desconforto por parte de alguns familiares; todavia, a mãe de Miguel, Maria Tereza (personagem interpretada por Camila Pitanga), tenta apaziguar o clima tenso que se instaurou no ambiente. A personagem Doninha (interpretada por Suely Bispo) pergunta à Dalva (personagem interpretada por Mariene de Castro): “Que que é esse silêncio todo lá na sala?”.

Os gestos corporais das personagens nos permitem afirmar que estão tensas e com receio (com olhos arregalados, a personagem Doninha é apresentada com a testa franzida e apoiada em sua colega Dalva). Ao observarmos a cena, e pelos gestos de leitura na expressão facial de todos os presentes na sala de jantar, os olhares dirigem-se em especial ao coronel Afrânio (personagem representado por Antônio Fagundes).

Paul Thibault observa que a “linguagem e outros sistemas de recursos semióticos, como gesto, movimento do corpo, olhar, e assim por diante, são partes constitutivas de um sistema ainda maior

1 Uma TN (telenovela) é entretenimento. Tem como *mainstream* (sua linha mestra) narrar a crônica do cotidiano. Engendra-se a partir de seres de papel, saídos do reino da ficção, que de repente saltam para a vida real e, por seu alto poder de influência, invadem a privacidade do telespectador, na situação mais desprotegida: relaxada, no recesso do seu lar. O processo chega a ser catártico, terapêutico: o telespectador quer se envolver, quer se deixar seduzir, quer ver reconhecida sua própria existência e experiência do dia-a-dia, ali, na tela da televisão. Ele quer se exaurir em emoções e sobressaltos. (CALZA, 1996, p. 14).

FIGURA 1

Cena 1 - Telenovela “Velho Chico”.² | Fonte: Rede Globo



que pode parecer muito diferente de qualquer um desses componentes considerados separadamente” (2000: 312).

Sophie é apresentada à família do namorado, porém, o coronel, na cena, explicita o preconceito racial em relação à protagonista. O primeiro plano é na sala de jantar, mas estende-se até a cozinha, onde os ‘serviçais’ ficam atentos ao desfecho. Nesses saberes, a semiologização se manifesta na linguagem não verbal e verbal. Os gestos de interpretação se concretizam pela escrita, pela imagem fixa ou mesmo no enlace de várias ações simultâneas.

4. Memória e interdiscurso

O sujeito é composto e perpassado de formações ideológicas e de muitos sentidos que terão sua representação no discurso, que serão diferentes uns do outro. Orlandi (2001: 43) declara que “as formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja”. Assim, cada sujeito tem sua formação discursiva, pois, somos heterogêneos, mas toda formação discursiva está impregnada de formação ideológica. No capítulo, na frase “Mas... Mas é uma negrinha!”, notamos que o personagem Afrânio é perpassado por esta formação discursiva.

De acordo com Malidier (2003:53), “a interpretação do indivíduo em sujeito em seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) à formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito)”.

No contexto da cena, o personagem interpretado por Antônio Fagundes, ao conhecer a namorada do neto Miguel, exclama: “Mas... Mas é uma negrinha!”. A frase nos leva a interpretar que esse sujeito é perpassado e reproduzidor de uma ideologia pautada em sua formação discursiva, cla-

2 Capítulo 94. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5132300/programa/> Acesso em: 15 set. 2017

FIGURA 2

Cena 2 - Telenovela “Velho Chico”. | Fonte: Rede Globo



ramente comprovado neste ato de dizer. É o mote no qual se desenrola tal cena da obra do escritor Benedito Ruy Barbosa.

Observamos que a visada de informação é engendrada quando algum personagem informa sobre algum fenômeno social que tem correspondência com a realidade ‘fora da representação’ mais a realidade cotidiana e pelo telespectador como sujeito social vinculado a um momento histórico-social. É o caso, por exemplo, quando Afrânio, na condição de EU, informa: “Qual, como o que é que tem? Precisava atravessar o Atlântico pra isso? Com tantas que temo por aqui?”

Charaudeau (2004) esclarece como se realiza o contexto das visadas:

Assim, a situação de comunicação midiática pode convocar várias visadas: de instrução (em suas rubricas de conselhos), de incitação (em seus títulos dramatizantes), de demonstração (quando ela dá a palavra aos experts). Mas ela o faz sob a cobertura da visada dominante de informação (quer dizer daquela que determina a expectativa (enjeu) do contrato de comunicação). Mais exatamente, ela o faz, como o mostra a análise, sob uma visada dominante dupla: de informação, para responder à exigência democrática que quer que a opinião pública seja esclarecida sobre os acontecimentos que se produzem no espaço público.

E o telespectador (TU) encontra-se na posição de “dever saber” sobre a existência dos fatos. Quando Afrânio profere o enunciado na condição de EU, o efeito de sentido pode ser o de que o seu neto não precisava ter atravessado o oceano Atlântico por conta da namorada negra, Sophie, pois, naquele lugarejo, havia muitas mulheres de cor negra, como a personagem interpretada por Yara Charry.

Cabe aqui também trazer o conceito de memória postulado por Courtine (1999:18), que “a memória histórica é evocada quando se materializam os enunciados de um discurso, em um domínio intitulado de ‘interdiscurso’”.

Portanto, a memória discursiva fornece-nos elementos para a ligação entre os elementos da realidade (língua) e os elementos reais da história, possibilitando-nos atribuição e produção de sentidos, “que le langage est letissu de lamémoire, c’est-à-dires a modalité d’existence historique essentielle” (Courtine 1994:10).

Percebemos que Courtine (1994) estabelece de modo histórico o conceito de memória, um marco nos estudos sobre o tema. A memória não se desliga da história. A história é passível de exercer implicações sobre as práticas linguageiras, tendo em vista, que os lugares da memória discursiva e naturalmente levam aos aspectos político, ideológico e cultural.

A construção discursiva aponta para um sentido-outro: quando outro, mostra sua indignação frente à percepção de que Sophie está no meio dos convidados na sala do casarão do coronel:

“Essa confusão foi coisa da tua mulhé, Carlos, e você me dê jeito de despachá essa... uma lá pro País de onde ela veio! Gente assim, nessa casa, num passa da cozinha... e se passa, é pra servi e voltá!”.

FIGURA 3

Cena 3 - Telenovela “Velho Chico”, personagem Afrânio. | Fonte: Rede Globo



O gesto facial do personagem Afrânio, leva-nos a refletir também sobre o lugar da personagem negra na cena; ou seja, o efeito de sentido pode ser outro quando a personagem é deslocada do lugar idealizado pelos envolvidos na cena e/ou pelos telespectadores – no caso, na cozinha e não em um ‘ambiente de prestígio’. Tais discursos trazem à tona uma memória discursiva, direcionadas às pessoas negras. No caso da personagem Sophie, a representação, como mencionado, encontra-se deslocada para aquele período histórico da narração da telenovela; isto é, a personagem negra encontra-se na casa de Afrânio, convidada pelo seu filho, como uma visita ilustre esperada pelos convidados. Ainda, observamos que a articulação multimodal (gesto, olhar e fala) contribui para a construção da cena.

Segundo Indursky (2001:28), “a leitura é produzida em um contexto sócio-histórico que deve ser levado em conta no processo de interpretação”. Assim, cabe perguntar: a partir de que leitura o personagem Afrânio diz o que diz? A partir de que contexto histórico o seu dizer é dizível?

Especificamente, para a análise, levamos em conta o interdiscurso, que, como memória do dizer, permite-nos reconstruir as condições de produção e de interpretação do texto multimodal em análise. O interdiscurso, segundo Orlandi, (2001: 54), “sustenta o dizer em uma estratificação de formulações já feitas, mas esquecidas e que vão construindo uma história de sentidos”. Em outros termos, a memória nos remete ao negro como sujeito sempre às margens da sociedade:

A sociedade capitalista em seu funcionamento contemporâneo é uma sociedade que vai além da exclusão, ela funciona pela segregação (coloca para fora da sociedade, e, quem está fora, não

existe, não é levado em conta). Estes seus valores, por sua vez, são praticados pela sociedade que, enquanto sociedade de um sistema capitalista, é estruturalmente dividida e administrada pelo Estado [...] (Orlandi 2011:696).

É a partir do lugar social do sujeito que ele produz sua interpretação; portanto, depende do contexto histórico e cultural para que seja possível. Assim, o negro, neste contexto, é excluído, segregado – e o Estado tem a condição de ser o responsabilizado por tal marginalização.

Outro fato que merece especial atenção é quanto ao nome da personagem, “Sophie”, que é “a versão francesa de Sophia; o nome, originado do grego *sophía*, quer dizer, literalmente, ‘sabedoria’, equivalente ao ‘Verbo’ (santidade) na sua forma feminina”.³ Trata-se, portanto, de um bonito nome, que reflete conhecimento, bem como a condição de pessoa erudita, detentora de muita inteligência.

A memória discursiva é um procedimento de controle e delimitação do discurso: ... a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por papel conjurar dele os poderes e os perigos, de dirigir o acontecimento aleatório, de afastar dele a pesada, a irreduzível materialidade. (Foucault 1971:11).

A memória discursiva funciona como delimitadora do discurso e tem função ambígua: ao mesmo tempo recupera o passado em determinada situação histórica; também elimina o que não deve ser lembrado; assim sendo, pode eliminar o passado. A memória se atualiza com determinados acontecimentos e resulta em determinados efeitos de sentidos. Se a memória funciona como tal, então, pode-se presumir que a personagem Afrânio esperava que a namorada do neto tivesse cabelos lisos, loiros e fosse de pele branca – talvez, por considerar este o padrão de mulher que a mídia brasileira apresenta. Sophie inclusive é um nome pouco comum atribuído às pessoas de etnia negra: fato que talvez tenha causado estranhamento ao coronel. Todavia, quando sabemos do significado do nome, presumimos que a escolha não foi algo fortuito. A condição de inferioridade dada à mulher negra pode ser observada em clássicos como “Casa-Grande & Senzala”, de Gilberto Freyre, o qual se debruça sobre

as relações sociais fundantes do Brasil: Vencedores (...) sobre as populações indígenas; dominadores absolutos dos negros importados da África para o duro trabalho da bagaceira, os europeus e seus descendentes tiveram entretanto de transigir com índios e africanos quanto às relações genéticas e sociais (Werneck 2012:08).

Vista diante deste cenário, a mulher negra na sociedade é tida como inferior, em um Brasil que passa a se organizar em uma sociedade desigual, ostentando estereótipos e inviabilizações. Esta imagem avança para as diversas mídias, pois os sentidos não são construídos de maneira isolada, e sim na sociedade.

3 Disponível em: <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/sophie/>.

5. Dispositivos teóricos de análise

A natureza da pesquisa é interpretativa que tem como proposta analisar de acordo com os pressupostos teóricos da análise de discurso de matriz francesa, os efeitos de sentidos a partir de capítulo da telenovela brasileira “Velho Chico”, da Rede Globo de Televisão. Amparada nos dispositivos de análise de formações discursivas, uma vez que no texto se insere na discursividade, trabalhamos com conceito de memória, memória essa que produz efeito de sentido de discursos racistas endereçadas às personagens negras. E por último o dispositivo de análise é o interdiscurso que permite a interpretação na interdiscursividade desse texto multimodal que ora analisamos.

6. Estereótipos, digitais e diferentes

Abordar neste trabalho o conceito de estereótipos é necessário. É crescente na sociedade contemporânea a reprodução preconceituosa da figura/personagem negra em telenovelas:

O estereótipo é a prática do preconceito. É a sua manifestação comportamental. O estereótipo objetiva (1) justificar uma suposta inferioridade; (2) justificar a manutenção do status quo; e (3) legitimar, aceitar e justificar: a dependência, a subordinação e a desigualdade (Sant’ana 2005:65).

O que é visível no enunciado proferido pelo personagem Afrânio (“Mas... uma... uma negrinha?”)? É interessante indagar: a personagem negra aparece em que plano na cena? Geralmente, as personagens negras, são postas fora do ambiente em que estão presentes pessoas brancas – como, por exemplo, na cozinha, onde seria o lugar dos ‘serviçais’ ou na área de serviço (ou seja, de quem está para servir e não na sala, onde costumeiramente ficam os donos da casa, as visitas e os que serão servidos). Também nessa cena, aparecem personagens negras na cozinha, fazendo o papel de serviçais. Contrariando o que costumeira e tradicionalmente apareceria, Sophie está entre os convidados da mãe do noivo.

Desse modo, o estereótipo diz respeito a padrões rígidos e marcados para que um indivíduo se sinta superior a outro, geralmente com a finalidade de ridicularizar o outro, por meio de imagens preconceituosas. Em nossa sociedade, devido a questões históricas de discriminação – própria da sociedade escravista e capitalista –, a relação que temos com o diferente é muitas vezes recheada de discursos racistas, o que leva consequentemente a situações cheias de conflitos.

A relação de alteridade é inócua:

A diferença se define no processo de constituição de cada sujeito pela ideologia e no modo como é individua(liza)do pelo Estado (através de instituições e discursos), na sociedade capitalista, dividida e hierarquizada pela simbolização das relações de poder. São formações imaginárias que funcionam na hierarquização em que se praticam as relações de forças e de sentidos, tudo isto constituindo as condições de produção em que se dá a divisão entre sujeitos nessa sociedade, e os processos de constituição de suas identidades. (Orlandi 2014:34)

As formações ideológicas colaboram na hierarquia, na correlação de forças, no que consequentemente derivar os sentidos do que é ser “diferente”, são formações discursivas históricas que se instituem, propagam-se e são exteriorizadas via discurso, pois, de acordo com Orlandi (2011), sujeitos e sentidos se constituem na relação da língua com a história, atravessados pelo inconsciente e pela ideologia – e é como tal que têm suas práticas sociais funcionando no espaço urbano.

O sujeito materializa-se na relação simultânea com a língua e com a história, seu modo de agir na sociedade é atravessado pela ideologia. O espaço urbano será o lugar das práticas sociais desse sujeito. Diariamente, questões envolvendo preconceito racial vêm a lugar nas mídias, na Internet. Com o advento e com o acesso facilitado às redes sociais, situações que propagam os estereótipos são cada vez mais visíveis, seja usando as ferramentas do *Facebook*, *WhatsApp*, seja em programas de humor exibidos na televisão. O que não pode ser concebido como normalidade.

O espaço urbano é composto por inúmeros conflitos, movimentos, pessoas que, às vezes, nem nos damos conta de como somos/estamos envolvidos nesse “movimento”:

Assim compreendo que a cidade se modifica em função do e-, há uma resignificação da própria sociedade em função de instrumentos e-urbano *e-Urbano*: a forma material do eletrônico no urbano tecnológicos que fazem parte do nosso cotidiano, como os celulares, os quais instituem uma nova forma de relação entre os sujeitos e dos sujeitos com o espaço urbano” (Dias 2011:13 e 14).

Cotidianamente somos “atravessados” pelo visual, pelo digital e pela materialidade discursiva presentes na mídia, no eletrônico, por meio de dispositivos como *smartphones*, *tablets* ou *iPhone* dentre outros suportes tecnológicos. Nessa relação do sujeito com o e-Urbano, aparecem às telenovelas, que, hoje, podem ser vistas nas redes sociais ou em plataformas de vídeos que permitem assistir ao conteúdo oficial da emissora *online*:

A materialidade é uma formulação que se inscreve numa discursividade. Assim, a significação do livro, do comércio, da forma de governo, da aprendizagem, da troca de correspondência, nas formulações compostas pelo e- (eletrônico), não é a mesma que nas formulações sem o e-Book ou Learning, cidadania ou comércio, são, por exemplo, palavras cuja materialidade é distinta, pois têm outra relação com a exterioridade. A forma material das palavras compostas pelo e- é um processo de construção do sentido do mundo determinado pelo eletrônico, pelas telecomunicações, pela comunicação em rede, digital, enfim, desse processo de globalização (Dias 2011:12).

O eletrônico só tem materialidade se é significativo, se produz sentido; a telenovela nas redes sociais, então, produz sentido no e-Urbano – que atrelado ao dispositivo digital num processo discursivo, permite ao público que a assiste produzir sentidos.

Interessante observar a cena que pelos gestos de leitura, pela expressão facial, pela boca aberta que Afrânio olha com espanto para Sophie.

Percebemos, pelos movimentos dos presentes, uma certa tensão diante da personagem Sophie – que, por ser negra de origem francesa, talvez não seja a personagem ‘ideal’ ou a idealizada/desejada pelos presentes. No momento, sentidos são produzidos pelos telespectadores/internautas que assistem à cena, pois

FIGURA 4

Cenas 5 - Telenovela “Velho Chico”. Expressão facial de Afrânio.

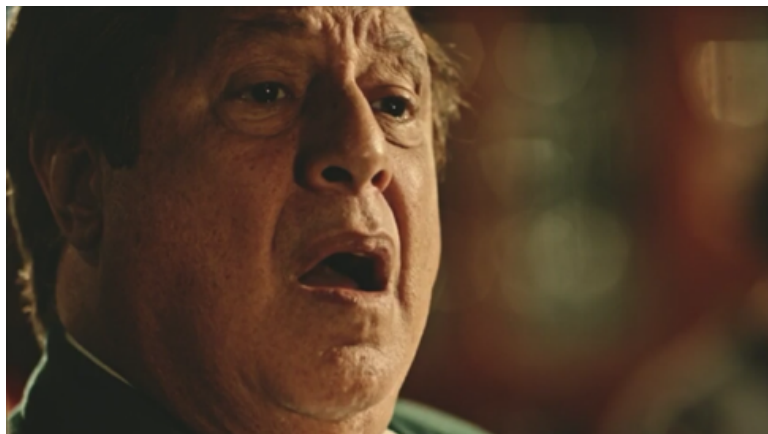


FIGURA 5

Cena 6 - Telenovela Velho Chico. | Fonte Rede Globo



o gesto de interpretação é o que, perceptível, ou não, para o sujeito e seus interlocutores, decide a direção dos sentidos, decidindo assim sobre sua própria “direção” (identificação, posição-sujeito etc) (Orlandi 2007: 22).

Tais gestos, em nosso caso, ao relacionarem a imagem da personagem Sophie, na telenovela, vão revelando a mulher, assim como o coronel (inclusive que formação ideológica o personagem interpretado por Antônio Fagundes carrega). E é, portanto, a partir da combinação entre palavras, imagens, cores, enquadramentos e movimentos de câmera que os gestos de interpretação são materializados – tornando, assim, possível interpretar e descrever os trajetos percorridos pelos sentidos.

Na análise de discurso, consideramos que a identidade resulta de “processos de identificação”[...]. Pois o processo de constituição do sujeito passa pela noção de ideologia [...] Ou seja, para o analista de discurso, o processo de constituição do sujeito se dá pela “interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia. Não há sujeito sem ideologia. (Orlandi 2014:150).

FIGURA 6

Cena 7 - Telenovela “Velho Chico”.



Quando a personagem Sophie indignada questiona: “Ele é racista?” (Figura 7), ela interpreta que o sujeito (no caso, o personagem do Afrânio) traz consigo a ideologia racista que faz parte do discurso, o fator histórico, principalmente. É um discurso racista no qual o coronel se superioriza durante a cena, atacando Sophie, por várias vezes, produzindo vários sentidos nos telespectadores. Sob outro viés, observamos que a protagonista da cena (Sophie) traz consigo também uma ideologia, pois, como foi dito antes, não existe sujeito sem ideologia: e essa ideologia a faz questionar novamente a situação (“Ele não vai parar com isso?”).

FIGURA 7

Cena 8 - Telenovela “Velho Chico”. | Fonte Rede Globo



Mais diretamente: só há poder porque há ideologia em funcionamento e é daí que o poder tira seu sentido e sua força. Como pensar relações de força, relações de poder sem a ideologia e a constituição dos sujeitos e dos sentidos pela ideologia? Tampouco podemos pensar a sociedade apartada da linguagem, na perspectiva discursiva. As práticas sociais são práticas significativas, sendo o homem um ser histórico e simbólico (Orlandi 2014:152).

O sujeito é propagador de discursos, que estão inseridos em uma rede de outros discursos ideológicos relacionados com as relações de poder na sociedade. Podemos perceber nas cenas em que o

coronel tenta, a todo momento, demarcar este poder, que ali quem manda é ele. Isso é visível quando ele diz, por exemplo: “A gente se acostuma”, fazendo referência a ele que, como branco, tem de se acostumar com pessoas negras, inclusive com a presença da moça naquele momento. Enfim, cansada de ser discriminada, ela pergunta se ele não vai parar com isso, ou seja, de discriminá-la.

7. Considerações

Considerando a função primordial que os meios de comunicação exercem atualmente na divulgação e na distribuição de sentidos sobre e para as mulheres, elegemos, para o estudo do discurso midiático-televisivo, a telenovela “Velho Chico”. A conclusão inicial deste trabalho é que os discursos veiculados e proferidos no capítulo 94 da telenovela brasileira analisada trazem à tona uma memória discursiva – na maioria das vezes, racista e preconceituosa endereçada às pessoas negras.

Esses mesmos discursos projetam efeitos de sentidos entre os telespectadores/interlocutores. Tais efeitos de sentidos aparecem nos gestos, pelos movimentos, pelas fisionomias, pelo dito e pelo não dito. Ao observarmos a imagem da personagem Sophie na telenovela, a trama vai desvelando a formação ideológica que ambos Afrânio e Sophie carregam.

Conceber os gêneros discursivos como ‘entidade de vida’ alavanca e reafirma a concepção de que a telenovela faz parte deste contexto enunciativo que se inscreve na discursividade da língua. Vale destacar que a telenovela não está presente tão somente no suporte televisão, já que, como discutido, podemos assisti-la por vários dispositivos, tais como *smartphones*, *tablets*, entre outros: é uma materialidade discursiva presente na mídia, no eletrônico. Percebemos, desse modo, como a máquina midiática se materializa no campo comunicacional.

Os estereótipos, por sua vez, são práticas cada vez mais visíveis na sociedade, seja pelo meio digital/redes sociais, seja pela televisão. Na telenovela, é crescente esta reprodução preconceituosa da figura/personagem negra. O telespectador, entretanto, parece ver a prática como algo natural. É aparentemente natural, por exemplo, ver personagens negras sempre na cozinha e não como protagonistas (ou mocinhos) no enredo televisivo. Em contrapartida, não parece ser natural ver uma personagem negra de origem francesa, namorada do neto do coronel (este, figura construída como poderosa nas redondezas). A condição desenhada produz desconcertos por parte do coronel e admiração por parte do telespectador.

Por fim, considerando a função primordial que os meios de comunicação exercem atualmente na divulgação e distribuição de sentidos sobre e para as mulheres, elegemos para o estudo do discurso midiático-televisivo o caso da personagem Sophie. Vimos que a representação encontra-se deslocada para aquele período histórico da narração da telenovela – ou seja, o efeito de sentido pode ser outro quando a personagem não está no papel idealizado pelos envolvidos na cena e/ou pelos telespectadores. Este trabalho de interpretação à luz da ADE, portanto, comprova que não é vitimização das pessoas negras: a análise partiu das análises de gestos que evidenciavam a interpretação *à priori* verdadeira. Assim, não se trata de “mimimi”.⁴

4 Mimimi é uma expressão usada na comunicação informal usada para descrever ou imitar uma pessoa que reclama. O mimimi tem uma conotação pejorativa, sendo muitas vezes é utilizado para satirizar alguém que passa a vida reclamando. Fonte: <https://www.significados.com.br/mimimi/>.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, J. Z. 2008. O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira. *Revista Estudos Feministas* 16, 3: 979- 985.
- BAKHTIN, M.M y VOLOSCHINOV, V.N. 2006. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- CALZA, R. 1996. *O que é telenovela*. São Paulo: Brasiliense.
- CHARAUDEAU, P. 2004. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. Em I. Machado y R. de Mello (orgs.). *Gêneros: reflexões em análise do discurso. Núcleo de Análise do Discurso*, pp. 13-42. Belo Horizonte: Nad/Fale-UFMG.
- CHARAUDEAU, P. 2015. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto.
- COURTINE, J. J. 1994. Le tissu de la mémoire: quelques perspectives de travail historique dans les sciences du langage. *Langages* 114: 5-12.
- COURTINE, J. J. 1999. O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. Em F. Indursky y M. Ferreira (org.). *Os múltiplos territórios da análise do discurso*, pp. 221- 236. Porto Alegre: Sagra Luzzato.
- DIAS, C. 2011. [Disponível em <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/>]. e-Urbano: a forma material do eletrônico no urbano. Em C. Dias. *E-urbano: Sentidos do espaço urbano/digital [online]*. Laboratório de Estudos Urbanos LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.
- FERREIRA, E. y ORLANDI, E. 2014. Sociedade do Conhecimento e/ou Sociedade da Informação. Em E. Ferreira y E. Orlandi (orgs). *Discursos sobre a inclusão*, pp. 148- 152. Niterói: Intertexto.
- FOUCAULT, M. 1971. *Arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes.
- HALL, S. 2003. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- INDURSKY, F. 2001. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo da leitura. Em A. Ernest-Pereira y S. Bornéo Funck (orgs.). *A leitura e a escrita como práticas discursivas*, pp. 28-41. Pelotas: Educat.
- ORLANDI, E. P. 2011. A Casa e a Rua: uma relação política e social. *Educação & Realidade* 36, 3: 693-703.
- ORLANDI, E. P. 2001. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes Editores.
- ORLANDI, E. P. 2007. *Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas: Pontes Editores.
- ORLANDI, E. P. 2014. *Linguagem, sociedade, políticas*. Pouso Alegre: UNIVÁS.
- RODNEY, W. 2007. El diseño de un corpus multimodal. *Estudios de Lingüística Aplicada* 25, 46: 207- 231.

ROJO, R. 2005. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. Em J. L. Meurer, A. Bonini y D. Motta-Roth (orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*, pp. 185-207. São Paulo: Parábola.

ROJO, R. 2015. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola Editorial.

SANT'ANA, A. O. 2005. História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados. Em M. Kambengele (org.). *Superando o Racismo na escola*, pp. 39-67. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.

THIBAUT, P. 2000. The multimodal transcription of a television advertisement: theory and practice. En A. Baldry (ed.). *Multimodality and multimediality in the distance learning age*, pp. 311-385. Campobasso: Palladino Editore.

WERNECK, J. 2012. [Disponível em: www.editora.vrc.puc-rio.br/media/ebook_outras_mulheres.pdf]. Prefácio. Em D. Fonseca y T. Marques de Oliveira de Lima (orgs.). *Outras mulheres: mulheres negras brasileiras ao final da primeira década do século XXI*, pp. 7-10. Rio de Janeiro: EdPUC-Rio. [Acesso: 11. De Setembro de 2017].

JACILDA SIQUEIRA DE PINHO. Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT/Campus de Sinop). Professora de Língua Portuguesa efetiva da Rede Estadual de Mato Grosso, lotada na Escola Estadual Irmã Lucinda Facchini, Avenida Municipal, s/nº. Bairro da Ponte.

Correo electrónico: j_ac_ildasiqueira@hotmail.com

MÁRCIA VACARIO. Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT/Campus de Sinop). Professora de Língua Portuguesa efetiva da Rede Estadual de Mato Grosso, lotada na Escola Estadual 19 de Julho em Peixoto de Azevedo-MT (Rua Cristal s/nº, centro.).

Correo electrónico: vacariomarcia@hotmail.com